

REPORTAGEM DE CAPA



O PRESIDENTE AMEAÇADO

EM AÇÕES JUDICIAIS, EDUARDO CUNHA OFERECE
UM ROTEIRO CONTRA TEMER, NA TENTATIVA
DE ARRANCAR AJUDA PARA SAIR DA CADEIA.
E A PRIMEIRA-DAMA É GRAMPEADA...

por ANDRÉ BARROCAL



Silvonei José de Jesus Souza, telhadista que ganhava 4,5 mil mensais, ameaçou jogar o nome de Michel Temer “nalama” com certas revelações às vésperas da chegada do peemedebista ao poder. Pegou cinco anos de prisão. Para fazer o caminho oposto e sair da cadeia, onde aguarda julgamento por corrupção, o rico deputado cassado Eduardo Cunha pratica intimidação parecida com Temer, ao oferecer à praça saborosos roteiros investigatórios contra o velho parceiro, uma tentativa de arrancar dele ajuda na marra. Presidente vulnerável, hein? Neste Carnaval, o peemedebista precisa impedir que lhe rasguem a



Vallisney de Souza Oliveira, da 10ª Vara Federal de Brasília, já tomou os depoimentos iniciais

fantasia e deixem suas, digamos, fraquezas políticas expostas aos brasileiros.

Ele tem sido arrastado para a causa da libertação de Cunha ao ser arrolado como testemunha de defesa em processos nos quais o ex-deputado é réu. Aconteceram duas vezes. A primeira, no fim do ano passado, em uma ação penal aberta em Curitiba por corrupção, evasão de divisas e lavagem de dinheiro, em virtude de contas suíças e propina da Petrobras. A outra acaba de ocorrer em Brasília, onde Cunha é acusado de ocultação de bens e lavagem, ao lado de três pessoas, devido à cobrança de propina na Caixa Econômica Federal. Temer foi chamado a testemunhar nas duas ações, mas não para ajudar a provar a inocência de Cunha. O objetivo do réu é maligno. Mostrar que, se há crimes, o presidente é culpado também, uma

forma de empurrar Temer a trabalhar por sua soltura.

O plano está bem claro nas indiscretas perguntas elaboradas por Cunha para a Justiça encaminhar ao presidente e este responder por escrito. Os dois questionários já conhecidos têm espinhos à farta, com pistas que, se forem seguidas pela Polícia Federal e o Ministério Público, complicam Temer, embora do ponto de vista formal ele esteja imune à investigação por atos praticados antes da Presidência, uma regra da Constituição. As indagações servem ao menos para a oposição e a imprensa cobrarem explicações do mandatário, algo feito por *CartaCapital*, sem resposta do Palácio do Planalto.

No mais novo questionário, Cunha pergunta se Temer indicou Moreira Franco, hoje secretário-geral da Presidência, para uma diretoria da Caixa. A resposta é óbvia. Franco cuidou da área de fundos e loterias do banco de 2007 a 2010, graças a Temer. Seu sucessor a partir de 2011, Fabio Cleto é processado juntamente com Cunha, ambos acusados de exigir comissão para liberar empréstimos de um fundo vinculado àquela diretoria, o FI-FGTS. Na denúncia do Ministério Público aceita pela Justiça, há farto material sobre o propinoduto. Por exemplo, a delação dos empresários Ricardo Pernambuco e seu filho, ambos da Carioca Engenharia. O que Cunha sugere nas indagações a Temer, e em uma picante entrevista em setembro passado ao *Estado de S. Paulo*, é que o esquema no FI-FGTS nasceu com Franco, sob as bênçãos do presidente.

Teria Temer participado de reuniões ao lado de Franco com os empresários Benedito Júnior, o BJ, ex-presidente do ramo empreiteiro da Odebrecht, e Léo Pinheiro, da OAS, para discutir doações eleitorais, conversas em que a liberação de verba da Caixa teria sido colocada na mesa como “argumento”? O presidente



Moro vetou 21 das 41 interrogações. Havia 3 sobre José Yunes, amigo de Temer, este arrolado como testemunha de defesa de Cunha

sabe de vantagens indevidas pagas a Franco em troca de financiamentos do FI-FGTS? São outras dicas deixadas contra Temer no interrogatório cunhista.

Mais uma pista, e esta sem ligação evidente com os trambiques na Caixa. Temer soube de alguma doação de empreiteira para o concorrente do PMDB à prefeitura de São Paulo na eleição de 2012, Gabriel Chalita? O candidato era pupilo do presidente na ocasião. Não é a primeira vez que o tema “grana para Chalita” desponta incomodamente para o mandatário. Em delação na Operação Lava Jato, Sérgio Machado, ex-presidente da estatal Transpetro, falou a respeito. Afirmou ter recebido um pedido de Temer, em uma conversa na Base Aérea de Brasília, para providenciar doações a Chalita. E que se virou com empreiteiras, para isso estava no cargo. Temer jura que não houve tal reunião.

O processo relativo às falcaturas na Caixa começa a afunilar. O juiz do caso, Vallisney de Souza Oliveira, da 10ª Vara Federal de Brasília, tomou os depoimentos iniciais em 16 de fevereiro. Ao lado de Cunha e Cleto no banco dos réus está o ex-deputado Henrique Alves, o primeiro

ministro do Turismo de Temer. O quarto réu, Alexandre Margotto, fez uma delação que incrimina Geddel Vieira Lima, chefe da Secretaria de Governo de Temer por seis meses, até perder o cargo por fazer *lobby* a favor de um prédio em obras em área tombada de Salvador. Cunha, Alves, Geddel, contemporâneos de Temer na Câmara, sempre a agir em bloco no segundo governo Lula.

O juiz Oliveira examina as 19 perguntas elaboradas por Cunha. Se achar que algumas, ou todas, são pertinentes, o presidente as receberá. Temer teve certa sorte quando arrolado como testemunha de defesa de Cunha da primeira vez, em um processo em Curitiba, na 13ª Vara Federal, a do juiz Sergio Moro. Em novembro, Moro cortou 21 das 41 interrogações, por não ver ligação com a ação penal. Entre as perguntas vetadas, havia três sobre um amigo de Temer, José Yunes, assessor especial do presidente na época. Cunha deu dicas de que o advogado fora receptor de dinheiro para Temer. Grana de origem duvidosa, supõe-se. O ex-deputado questionava se o presidente tinha relação com Yunes, se este recebera contribuição de campanha em nome de Temer ou do PMDB e, se sim, se a doação teria sido declarada ou seria caixa 2. Nada a ver com os temas do processo em questão.

Semanas depois, em dezembro, Yunes se demitiria da assessoria de Temer, a espernear por seu nome ter sido “jogado no lamaçal”. O motivo foi a divulgação do roteiro de uma das dezenas de delações da Odebrecht, a do ex-lobista Cláudio Melo Filho. A delação reforçava a suspeita levantada por Cunha. O escritório de Yunes, segundo Melo Filho, foi endereço de entrega de parte dos 10 milhões de reais que Temer arranjara de forma não republicana na eleição de 2014 em um jantar com Marcelo Odebrecht, presidente da companhia.

Apesar dos 21 vetos feitos por Moro, o



Geddel Vieira Lima e Moreira Franco, personagens além de complicadas deste enredo



Gilmar Mendes, conselheiro de Temer, sensível ao cunhismo

presidente ficou em situação constrangedora com a mera divulgação do questionário. É assim também na ação em Brasília, ainda que o juiz Oliveira anule todas as perguntas. A lista de indagações galopa na internet. Chegou a jornalistas na quinta-feira 16, um dia após o Supremo Tribunal Federal negar um pedido de Cunha para deixar o xilindrô. Sinal da firme disposição do réu de usar o que sabe para forçar

Temer a colaborar. Um recado do tipo: “Quero sair da cadeia, faça alguma coisa”. O presidente pode ajudar com conversas com ministros dos tribunais superiores em Brasília. Sobretudo do STF, que se tem revelado um bocado prestativo quando os interesses do governo estão em jogo.

Na sexta-feira 17, a *Folha de S.Paulo* revelou uma peça do quebra-cabeça Temer-Cunha-cadeia. Ministros do Supremo

discutiram em dezembro a libertação do réu. Nas reuniões estava Gilmar Mendes, porta-voz de Temer no STF, conselheiro do peemedebista, com quem se reúne em noites de sábado, tardes de domingo e em aviões presidenciais que lhe dão carona. Temer nem precisaria se esforçar para atrair Mendes à causa de Cunha.

Convertido em crítico da Lava Jato após a derrubada de Dilma Rousseff, o ministro disse no início de fevereiro, em sessão no STF, que as “alongadas prisões” da Lava Jato têm encontro marcado com o Supremo. Em cana desde outubro, Cunha deve ter dado pulos de alegria. Registre-se também que Mendes é sensível ao cunhismo. Em 2015, foi à casa do então deputado tomar café da manhã e discutir o *impeachment*. Em 2014, como relator no Supremo, absolvera Cunha da acusação de usar documentos comprovadamente falsos para se defender de uma denúncia de corrupção.

A reunião dos ministros do STF em dezembro encaixa-se em uma sequência de fatos que não deixa dúvidas sobre como Temer está vulnerável à pressão e topa fazer o que o velho parceiro espera dele. Cunha foi cassado em setembro e logo alardeou que escreveria um livro sobre os bastidores do *impeachment*, para lançar no Natal. Dias depois, deu a entrevista ao *Estadão* a desfraldar o papel de Moreira Franco no propinoduto da Caixa e fez chegar à mídia uma sinopse do prometido livro. Em outubro, foi preso por ordem de Moro e em seguida arrolou Temer como testemunha de defesa. Em novembro, surgem notícias de que desistira do livro, até

AINDA QUE O JUIZ OLIVEIRA ANULE TODAS AS PERGUNTAS FORMULADAS POR CUNHA, A MERA DIVULGAÇÃO DO QUESTIONÁRIO CONSTRANGE FATALMENTE TEMER. A LISTA GALOPA NA INTERNET



segunda ordem. Por quê? Talvez porque Temer já tivesse aceitado tentar articular no Supremo a soltura, como discutido em dezembro. Foi só o STF negar a libertação que o presidente voltou a ser fustigado por Cunha.

Uma derrota acachapante do ex-deputado, 8 votos a 1. Apesar de governista, o Supremo às vezes resiste a contrariar a opinião pública. Entre os figurões políticos e empresariais presos pela Lava Jato, o ex-deputado é tido como o “mais nocivo para o Brasil”, com 35%, conforme sondagem do instituto Paraná Pesquisas feita em meados de fevereiro. O medalha de prata, Sérgio Cabral, do PMDB, ex-governador do Rio, aparece bem atrás, com 14%. A saída para Cunha escapar da prisão agora talvez esteja no Superior Tribunal de Justiça, uma corte sem tanta atenção da imprensa quanto o STF.

“O xadrez mais complexo para ‘estancar a sangria’ da Lava Jato é soltar o Eduardo Cunha”, diz o deputado Henrique Fontana, do PT gaúcho, um dos vice-líderes da oposição. Um “estancamento” que era teorizado antes da queda de Dilma pelo atual líder de Temer no Congresso, senador Romero Jucá, do PMDB de Roraima, e hoje provoca chateira da força-tarefa da Lava Jato, como mostrou o procurador Carlos Fernando dos Santos Lima, para quem o governo promove “um esvaziamento lento e gradual da operação”. “As perguntas do Cunha para o Temer nem precisam ser investigadas pela Justiça, basta a imprensa cobrar explicações”, afirma Fontana, que na terça-feira 21 foi à tribuna da Câmara



Alexandre de Moraes, aprovado no Senado e já nomeado por Temer, sabe do papel que agora lhe cabe

discursar sobre a “chantagem explícita”.

Às vésperas do *impeachment*, Silvonei José de Jesus Souza ameaçou jogar o nome de Temer “na lama” com uma “chantagem explícita” em busca de dinheiro. O telhadista foi preso pela polícia paulista em 11 de maio de 2016, um dia antes de Temer assumir provisoriamente o lugar de Dilma. Graças a um HD pirata comprado no Centro de São Paulo com dados sobre milhares de assinantes do portal Terra, Souza clonara um celular e um iPad da esposa de Temer, Marcela. Dessa forma, teve acesso a mensagens, fotos e vídeos da família Temer. Em 4 de abril, passou-se por Marcela e arrancou 15 mil reais de um irmão dela. No dia seguinte, passou à extorsão. Cobrou da atual primeira-dama 300 mil para não revelar o que descobrira na clonagem. Foram dias de ameaças, embaladas, tudo indica, em fatos politicamente desconcertantes para Temer.

Por WhatsApp, Souza escrevera a

Marcela sobre o material que tinha, como um certo vídeo: “Pois bem como achei que esse vídeo (sic) joga o nome de vosso marido na lama, quando você disse q ele tem um marqueteiro q faz a parte baixo nível... pensei em ganhar algum com isso!” Prosseguiu: “Tenho uma lista de repórteres que oferecer 100 mil cada pelo material que somente comentei por texto.. o que tem no vídeo”. Em 11 de abril, com a Câmara a ferver, vazara, por suposto erro de Temer, um áudio com ele a falar como presidente, gesto tido como essencial para derrubar Dilma. Há quem diga que o pronunciamento foi ideia do marqueteiro, o que “faz a parte baixo nível”. Em 16 de abril, véspera da abertura da cassação da petista, Souza ligou para Marcela e disse que ela ainda poderia recuperar os dados antes do *impeachment*, se pagasse.

Certos fatos do processo chamam atenção. O nome da família Temer foi preservado. Marcela era chamada nos autos de

"TENHO UMA LISTA DE REPÓRTERES QUE OFERECER 100 MIL CADA PELO MATERIAL QUE SOMENTE COMENTEI POR TEXTO, O QUE TEM NO VÍDEO", AVISOU O TELHADISTA SILVONEI À PRIMEIRA-DAMA MARCELA



“Mike” e Temer, de “Tango”. No inquérito policial, descobriu-se um telefonema de Souza para Marcela no celular cedido a ela pela Presidência, informação rasurada nos autos do processo, 1.109 páginas às quais a reportagem teve acesso. O chantagista foi preso em uma operação comandada pelo então secretário de Segurança Pública de São Paulo, Alexandre de Moraes, nomeado no dia seguinte ministro da Justiça de Temer. Não se sabe ao certo onde está o material comprometedor, qual seu teor, nem quem teve acesso.

A rapidez também se destaca. O delegado Rafael Guimarães Correa Lodi, da divisão antissequestros, concluiu o inquérito policial em menos de um mês. A promotora Mara Silvia Gazzí recebeu o material no início de maio e, no dia 25, apresentava uma denúncia dura, a cobrar rigor exemplar, pois a chantagem atingia “figuras públicas”. Ajuíza Eliana Cassales

Tosi de Mello transformou Souza em réu seis dias depois. Em 24 de outubro, condenou-o a cinco anos de detenção em regime fechado, sentença pesadíssima para quem era réu primário. Ele cumpre a pena no município do Tremembé, em São Paulo, e espera logo ter a pena relaxada.

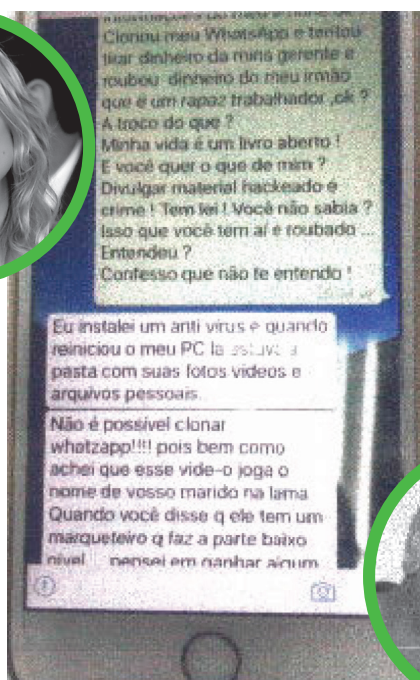
CartaCapital contou essa história na edição que chegou às bancas na sexta-feira 10 de fevereiro. Naquela tarde, a *Folha* publicou-a na web. O Planalto acionou a Justiça para retirar a notícia do ar, sob o argumento de que era uma espécie de continuação da chantagem. A liminar era extensiva a *O Globo*, que relataria o caso no dia seguinte. Os jornais recorreram e, no dia 15, o desembargador Arnaldo Camanho de Assis, do Tribunal de Justiça do Distrito Federal, derrubou a proibição. Seria restringir o direito à liberdade de expressão. Procurado para comentar a chantagem e para informar se tentaria ressuscitar a liminar, o Planalto não se manifestou.

Quem comentou o caso foi Alexandre de Moraes, o salvador de Temer. Na sabatina no Senado na terça-feira 21 em que foi avaliado como designado do presidente para uma vaga de ministro do Supremo, o senador Randolfe Rodrigues, da Rede do Amapá, quis saber se na chantagem havia de fato informações capazes de prejudicar Temer. “O que há é o que há nos autos”, respondeu Moraes.

Por tratar-se de um indicado cercado de senões, dados seus vínculos com o governo e seu CV, foi uma sabatina morna. Deve ter sido bem mais divertida a sabatina informal, realizada na noite de 7 de fevereiro na chalana de um enrolado senador por Goiás, Wilder Moraes, do PP. Cobrado no Senado a anunciar que não julgaria casos da Lava Jato, tema que apavora os governistas em volta de Temer, Moraes recusou-se e prometeu “imparcialidade”. Disse o mesmo sobre casos de interesse do PT, partido que ele chamou de “corrupto” em uma palestra, e do PSDB, do qual foi militante até o início de fevereiro. Ao cabo foi aprovado, oh! surpresa, e já nomeado por Temer.

Na eleição presidencial de 2014, Moraes trabalhou para a campanha tucana de Aécio Neves, por 364 mil reais. Em 2015, quando o Senado sabatinou para o STF Edson Fachin, eleitor de Dilma em 2010, Aécio comentara: “Não é possível que a gente tenha um ministro do Supremo Tribunal com vinculações e compromissos partidários”. Agora, nem uma palavra similar sobre Moraes. É como disse Jucá, líder de Temer no Congresso, em uma espantosa entrevista ao *Estado* na segunda-feira 20, a propósito do fim do foro privilegiado para políticos, mas não para juízes e procuradores. “Se acabar o foro, é para todo mundo. Suruba é suruba. Aí é todo mundo na suruba, não uma suruba selecionada.”

Brasília virou uma ode à suruba e à seletividade. •



“...Não é possível clonar o whatsapp!!! pois bem como achei que esse vide-o joga o nome de vosso marido na lama

Quando você disse q ele tem um marqueteiro q faz a parte baixo nível...

pensei em ganhar algum

